



Fraternidade Leigos Cavanis
Casa Sagrado Coração, INSTITUTO CAVANIS
Via Col Draga – POSSAGNO (TV)

MOSTEIRO INVISÍVEL

09.2024

Caríssimos!

Pego em mãos esse texto tendo ainda em meus ouvidos e coração as palavras de Jesus no Evangelho do XX Domingo do Tempo Comum, que prolonga o discurso eucarístico de Jesus no capítulo VI de João. Se trata de um texto extraordinário que sinto ser rico em profecia também para nós, para o nosso caminho como FLC. Os judeus levantam uma grande objeção às palavras de Jesus: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá para sempre, e o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo”. Realmente o texto joanino usa o verbo “makonto” para indicar a natureza dura e agressiva da intervenção dos judeus: “Como pode este homem dar-nos a comer a sua carne?” As palavras não apenas expressam dúvida ou dificuldade em acreditar, mas reação, ressentimento e até escândalo. E Jesus, no entanto, dizendo que é o “pão vivo que desceu do céu”, convida-nos a uma relação unitiva muito especial com a sua própria vida; “o homem é o que ele come”, disse o filósofo Feuerbach (embora em um contexto muito diferente), indicando, no entanto, uma verdade profunda. Alimentar-se de Cristo significa precisamente assimilar a sua vida, acolhê-lo, tornar-se semelhante a Ele. Também neste caso é útil considerar o verbo usado por João, troghéin, que traduzimos como “comer”, mas que na realidade tem um valor muito mais concreto e indica “mastigar” e se refere justamente à lenta assimilação dos alimentos ingeridos. E não menos importante é a ideia de “beber o



sangue”, uma ação explicitamente proibida pela Escritura porque o sangue é a sede da vida e pertence exclusivamente a Deus. Jesus, ao propor beber o seu sangue, pede precisamente para assimilar a sua própria vida. O discurso eucarístico revela, assim, um forte carácter profético e imprime uma vigorosa solicitação para acolher em nós a vida de Cristo, a ponto de poder dizer, como o apóstolo Paulo aos Gálatas: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 16). Isto explica as razões da centralidade da Eucaristia na vida do crente, assim como a devoção ilimitada ao Sacramento do Pão que os veneráveis Fundadores alimentaram, praticaram e ensinaram. Viver o nosso compromisso Eucarístico exprime, portanto, a nossa dupla fidelidade à fonte da Palavra, em primeiro lugar, e – consequentemente – ao caminho que nos abriram os Padres Antônio e Marcos Cavanis.

Massimo Mazzuco



Do Evangelho segundo João (Jo 6,51-58)

Naquele tempo, disse Jesus à multidão: “Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é minha carne, que eu darei pela vida do mundo”.

Os judeus discutiam entre si: “Como pode ele dar-nos a sua carne a comer?” E Jesus disse-lhes:

“Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que me come viverá por mim. Este é o pão que desceu do Céu; não é como o dos vossos pais, que o comeram e morreram:

quem comer deste pão viverá eternamente”.

A “Querida Mãe Maria” na vida e obra de Pe. Antônio e de Pe. Marcos Cavanis, de Pe. Giovanni di Biasio, em www.santitacavanis.org:



Os Padres Fundadores deixaram-nos uma bonita página sobre Jesus Cristo crucificado e o seu Sagrado Coração como fonte de “caritas pastoralis”, de fortaleza, paciência e perseverança no nosso apostolado específico e também em cada serviço sacerdotal (cf. POSITIO pag. 509 – 512). No Prefácio das “Constituições” há também ricas indicações de pedagogia e espiritualidade para ajudar os jovens a passar da ciência à sabedoria. Para seus filhos, confrades e depois continuadores, deram o exemplo de uma vida profundamente unida a Deus e intensamente laboriosa: não pensaram em sacerdotes e religiosos Cavanis que se contentam com pouco, preguiçosos, em busca de conforto e descanso, em vez de trabalho, que temem o sacrifício. Muito pelo contrário: no texto original das Constituições latinas eles usam expressões fortes e superlativas, como:

- “quam maxima charitate” (dedicar-se à educação com a maior caridade possível),
- “peramanter” (com o maior afeto receber e acolher crianças e jovens “dispersos”)
- “Omnisque cura et labor ... omnino grátis” (toda atenção, esforço e trabalho ... devem ser dadas e tratadas de forma totalmente gratuita),
- “per valida et opportuna remedia ... occurri pro viribus debeat” (atender às necessidades com remédios e meios válidos e apropriados ... e com todas as nossas forças),
- “omnes in Christo diligant ... omnium virtutum specimen illis exhibeant” (amar todos os alunos e jovens em Cristo ... e ser para eles um exemplo – um espelho de todas as virtudes).

Jesus Cristo – A caridade torna-se a nossa fonte quando nos abrimos ao seu Espírito, ao Espírito Santo, segundo esta oração, sugerida pelo monge São Columbano: “TU, ó Jesus, sois tudo para nós, a nossa vida, a nossa luz, a nossa salvação, o nosso alimento, a nossa bebida, o nosso Deus. Eu te imploro, ó Jesus, que inspires nossos corações com o sopro do teu Espírito e trespasse nossas almas com o teu amor”. Compreendemos melhor, assim, por que razão os nossos venerados Fundadores se esforçaram por orientar e formar os seus religiosos e educadores para que tenham e ponham em cada compromisso e serviço o espírito que é fruto do Espírito Santo e que deve manifestar-se também na nossa vida de sacerdotes e religiosos. Antônio pergunta-se: por que é necessário ter um espírito religioso, eclesiástico? Porque sem esse espírito são sombras e fantasmas de padres e religiosos. “Não gostam do que lhes pertence, tudo parece difícil e insuportável. As menores punições se tornam muito amargas; o que fazem, fazem com preguiça, com inquietação, com impaciência”. Em que consiste esse espírito? É uma graça abundante ou uma virtude do Espírito de Deus recebida plenamente na Ordenação, na profissão religiosa, à qual fazemos com carinho, mansidão, vigor, destreza, perseverança, o que o estado eclesiástico exige de nós (o ser sacerdotes), pertencendo ao nosso Instituto, o ensinamento, a catequese, o grupo de jovens, o acompanhamento espiritual dos jovens, a paróquia.